

Olhos Úmidos: Os Profetas da Chuva e o imaginário do sertão

Farley Valentim

Artigos



Resumo

O presente trabalho visa apresentar os Profetas da Chuva, homens que se dedicam a observar sinais da natureza que chamam de “experiências de inverno”, como forma de prever a vinda das chuvas para o sertão nordestino e, por meio desta, mostrar como o imaginário do sertanejo se constrói em relação ao tempo e ao clima, entre outras possibilidades. Será mostrado neste trabalho como o imaginário do sertão está envolvido com duas grandes imagens, a saber, a seca e o inverno chuvoso, sendo estas fontes de sentimentos díspares, como esperança e angústia, alívio e aflição. Por fim, através deste imaginário, o presente trabalho tentará construir uma leitura junguiana dessa prática a partir da noção de *Anima Mundi*, tal como pensada por James Hillman.

Palavras-chave: Profetas da Chuva; Sertão; Imaginário; *Anima Mundi*.

1. A Seca

Em seu romance *Vidas Secas*, Graciliano Ramos conta as agruras de uma família retirante na seca do sertão. Caminhando por um leito seco de rio, dois dos personagens, Fabiano e Sinhá Vitória, olham, em meio a um suspiro resignado, uma nuvem solitária no azul do céu.

Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se pertos dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente (RAMOS, 2019, p. 9).

Aqueles familiarizados com tal imagem entendem o porquê do autor nos dizer que tal olhar é carregado de temor. A nuvem é um prenúncio de chuva, o maná do sertão, que carrega consigo a redenção do sofrimento provocado pela seca. O temor de Fabiano e de Sinhá Vitória é que aquela delicada nuvem se desfça e desapareça e, com ela, a esperança, restando então só o azul, um azul que deslumbra, mas também que enlouquece em meio ao sofrimento da terra árida.

O romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, publicado pela primeira vez em 1938, é uma das diversas obras literárias que se dedicam a retratar os dramas da seca no sertão. Graciliano conta a história vivida por uma família em meio a seca, sua redução a uma condição sub-humana de sobrevivência e sua transformação em retirantes, palavra usada para designar aqueles que, em meio ao clima inóspito do sertão, são obrigados a deixar suas terras no interior do Nordeste em busca de melhores condições em outras paragens, seja no litoral, seja em outros Estados. Ao longo das páginas do romance, nos confrontamos com a desolação dessa família pobre, subjugada pelo clima e pela terra árida, com a esperança e os sonhos de uma vida farta e feliz marcada pelo retorno das chuvas, com a qual a pujança da terra novamente se faria presente e o verde preencheria o horizonte.

A mesma realidade é retratada na obra expressionista *Os Retirantes*, do pintor brasileiro Cândido Portinari. Pintada em 1944, retrata o êxodo rural do Nordeste e traz a representação de uma família que foge da seca. As nove pessoas que compõem o quadro, quatro adultos e cinco crianças, são mostradas de forma cadavérica em meio a uma paisagem de seca e desolação. A obra apresenta um embate contra um mundo que se torna cruel, agressivo e com morte iminente. Os corpos magros, as feições tristes, assustadas, meio fantasmagóricas, com um olhar marcado pela desesperança, saltam da tela. A pobreza surge nos pés descalços, na magreza e até mesmo no corpo doentio de uma das crianças. No chão seco, espalham-se carcaças de animais mortos, perseguidos por aves negras, urubus, arautos da morte, voando alto no mesmo céu azul de Graciliano, o céu azul que endoidece a gente. O contexto histórico da obra é 1944, período em que a imagem estereotipada do Nordeste enquanto região da fome e da morte ainda estava muito relacionada aos períodos de secas, associada principalmente à grande seca de 1877, ainda durante o Império, na qual quase 500 mil vidas foram perdidas (TAMANINI; SILVA, 2019), assim como às grandes secas de 1915, retratadas no romance *O Quinze* da autora cearense Rachel de Queiroz, e à seca de 1932, já durante a República (QUEIROZ, 2012).

A preocupação com os efeitos deletérios destes eventos climáticos extremos, portanto, antecede Graciliano e Portinari em séculos. Em 1605, ainda no Brasil colônia, já há registros da preocupação com os problemas causados pela adversidade do clima semiárido nordestino. A seca de 1932, em particular, ainda produziu um fenômeno perverso, hoje quase apagado da história: os campos de concentração ou “currais do governo”. Instituídos em seis cidades cearenses - Fortaleza, Crato, Ipu, Quixeramobim, Cariús e Senador Pompeu - na proximidade das linhas férreas, tais campos de concentração tinham como objetivo impedir que os retirantes fugitivos da seca chegassem à capital, Fortaleza. Os flagelados aceitavam permanecer nos campos, atraídos por propostas de emprego e promessas de assistência médica, porém,

eram tão somente mantidos em condições insalubres, dependendo da alimentação enviada pelo governo. Buscava-se então evitar o fenômeno ocorrido durante a seca de 1877, quando mais de 100 mil retirantes migraram para a capital, que na época contava com apenas 30 mil habitantes. Os flagelados se tornaram um problema social associado ao caos, que levava pobreza e doença para as cidades do litoral, criando um receio coletivo de que os comércios fossem saqueados pelos retirantes que morriam de fome (BARBALHO, 2005).

Esses intensos períodos de seca, entre outros que ocorreram posteriormente, o fenômeno dos “currais do governo” e as imagens de pessoas e animais mortos de fome, ajudaram a consolidar o estereótipo do semiárido nordestino como um lugar de natureza inóspita, cruel, de difícil trato, frente ao qual o sertanejo, mesmo sendo forte, como definiu Euclides da Cunha em *Os Sertões*, estava fadado a sempre perder sua batalha contra a natureza.

Foi essa imagem de natureza cruel, que exige do homem uma resiliência e uma força quase sobre-humana na sua busca pela sobrevivência, que instituiu os problemas do clima como a raiz principal dos males enfrentados pelo sertanejo. A seca passou a caracterizar a identidade nordestina através de imagens de miserabilidade, sofrimento, atraso, sendo relacionada ao confronto constante com a natureza, à despeito do fato de que os problemas gerados pelo clima costumam ser sintomas da falta de políticas públicas para o enfrentamento dessas condições (DANTAS, 2007).

Além da literatura, a música também se esmerou em mostrar o sofrimento do nordestino frente à seca. A composição *Asa Branca* (1947), de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, o primeiro pernambucano e o segundo cearense, ambos conhecedores dos efeitos da seca no sertão do Nordeste, retratam bem essa imagem em sua letra:

Quando oiei’ a terra ardendo

Qual fogueira de São João

Eu perguntei’ a Deus do céu, uai

Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornaia’

Nenhum pé de prantação’

Por farta’ d’água perdi meu gado

Morreu de sede meu alazão.

A terra arde sob o sol, vira fogueira, fornalha, maltrata o nordestino. Em meio a tal judiação, ele não planta; aquilo que é semeado, morre. O sol também mata o gado, traz fome e miséria, faz o sertanejo levantar as mãos para o céu em questionamentos silenciosos acerca das razões para tanto sofrimento.

Essa imagem desoladora só encontra igualdade em outra que tanto caracterizará o sertanejo: o pedido de benção e a prece por um bom inverno. Pois, se o maior mal que pode afligir a região é a seca, a vinda da chuva é entendida como a redenção deste sofrimento.

Outros compositores nordestinos também dão conta dessa dicotomia cruel. Na música *Último Pau de Arara* (1973), o compositor cearense Fagner retrata essa dificuldade:

A vida aqui só é ruim

Quando não chove no chão

Mas se chover dá de tudo

Fartura tem de porção.

A chuva é a contraparte da seca. Terra molhada dá de tudo. É farta. É terra rica.

Essas duas grandes imagens compõem as paragens desse sertão nordestino que, compreendendo uma extensa faixa de terra que se espalha pelos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, tem como uma de suas características a predominância de somente duas estações: uma seca e outra chuvosa, sendo que esta compreende cerca de três ou quatro meses do primeiro semestre do ano.

A escassez do curto período de chuvas em comparação aos muitos meses do ano onde impera o sol, acompanhada da lembrança dos tempos difíceis de enfrentamento à seca, faz com que a espera pela chuva, sempre incerta, aconteça com um misto de angústia e esperança. Mesmo hoje, quando grandes reservatórios como o Castanhão ou o Orós – ou mesmo as obras de transposição realizadas no Rio São Francisco – são capazes de afastar minimamente as agruras dos períodos de seca vividos anteriormente, o medo da falta d'água ainda assombra a população sertaneja. Por mais que a construção desses reservatórios possam dirimir os efeitos da seca, eles exercem efeito especialmente para as pessoas da cidade, mas não são suficientes para salvar plantações e animais de pasto.

A chegada do final do ano traz consigo a proximidade do inverno e já são exibidos, aos olhos que sabem ver, os primeiros sinais de redenção pelas chuvas ou de punição pelo sol. Dessa forma, todo

início de ano carrega consigo a esperança de um bom inverno, na busca por um tempo melhor para a semeadura, à espera da engorda dos animais, do verdejar dos campos, do reencontro com a terra farta que “dá de tudo”, pois para o pequeno agricultor e para o pequeno pecuarista, o inverno ruim produz pobreza e escassez.

Não é difícil perceber o quanto essa espera é importante, dado o extremismo das imagens e dos impactos causados, assim como o quanto o início do ano e a proximidade da quadra chuvosa é carregada de expectativa pelo sertanejo. Em cenários como esses, qualquer possibilidade de previsão para melhor ou para pior se torna vital. É neste meio que encontramos a figura do Profeta da Chuva e suas chamadas “experiências de inverno” (CÂMARA, 2021).

2. A chuva

É difícil saber quando o costume das profecias relacionadas ao inverno começou. A prática de previsões existe desde tempos imemoriais, visto que, inspirado por deuses ou por práticas divinatórias, o homem sempre tentou se acercar do futuro, diminuindo os efeitos de sua imprevisibilidade. No caso específico dos Profetas da Chuva, é bem provável que as previsões sejam uma mescla dos traços culturais trazidos pelos europeus com a cultura dos povos originários, enriquecida posteriormente pela cultura africana, que chega decorrente do período da escravidão.

Isto posto, duas ressalvas precisam ser feitas em relação a esta questão. Primeiro, embora carregue o nome de profecia, a palavra do Profeta da Chuva não pode bem ser entendida como uma prática divinatória. O Profeta, como veremos de forma mais detalhada adiante, não adivinha se haverá um bom inverno ou não, mas sim observa e lê os sinais oferecidos pela natureza que, em seu entendimento, demonstram a possibilidade de ter ou não um bom inverno. Da mesma forma, apesar de hoje apresentarem as características de uma tradição oral, as profecias já foram publicadas em jornais, pequenos livros ou folhetos de cordéis ainda no Império, passando por uma grande expansão a partir dos anos 30, à medida que surgiam o rádio e outras mídias de divulgação.

O que se acredita é que a figura do Profeta em si surgiu, muito provavelmente, a partir da experiência do próprio homem do campo unida às tradições culturais. Dadas as suas necessidades como pequeno agricultor ou pecuarista, o indivíduo estaria sempre preocupado com a vinda das chuvas, sendo esta decisiva para o tempo de plantio e para a produtividade. No próprio ato de estar sempre atento às mudanças da natureza, aos indícios que apontam para este ou aquele prognóstico, o sertanejo aprendeu por meio de suas constantes experiências a prever o tempo. Sua percepção

seria aos poucos trocada com outros sujeitos, de forma que, com o passar do tempo e com a confirmação das previsões, a sua palavra passasse a ser ouvida e valorizada. Nesse processo de percepção do mundo e compartilhamento da experiência, esta palavra se tornou “profecia” e, seu enunciador, um “profeta” (PENNESI; BRAGA, 2012).

Por muitas vezes serem homens simples do campo, embora muitos vivam hoje no meio urbano, o Profeta tende a ser um homem rústico, e, na maioria dos casos, sem educação formal. Assim, seu olhar sobre o mundo não se constrói pelos meios de uma educação formal, o que é bem exemplificado pela fala de um dos Profetas, Chico Leiteiro: “De letra não entendo quase nada, não... mas de natureza... é outro livro aberto. Às vezes o cabra diz: ‘Como é que você entende?’ Meu amigo, ver é uma coisa, conhecer é outra” (BRUNO; MARTINS, 2008, p. 7).

Os Profetas da Chuva não são considerados patrimônio cultural de um lugar específico e existem por todo o Nordeste, não obstante, escolhemos destacar aqui o encontro desses Profetas realizado na cidade de Quixadá, no sertão central do Ceará. O evento, que se dá sempre no segundo sábado de janeiro, ocorre no período anterior ao início da quadra chuvosa, que equivale aos quatro meses do ano nos quais se espera o inverno. O encontro foi formalizado em 1996 e é apoiado pelo Centro de Diretores Lojistas (CDL) de Quixadá, reunindo agricultores de vários estados do Nordeste e contando também com a presença de técnicos meteorologistas da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos¹(Funceme), bem como meteorologistas amadores. Durante o evento, cada um apresenta suas previsões sobre o inverno que se aproxima: se haverá ou não chuva, se será pouca ou muita, ou se será um ano de seca (PENNESI; BRAGA, 2012). Os meteorologistas apresentam suas falas embasados pela ciência, enquanto os Profetas, em sua maioria, seguem critérios de observação da natureza, sistematicamente reforçados pelas experiências e leituras dos sinais como a posição das estrelas, o vento, o acasalamento dos bichos, o canto dos pássaros, a forma como estes constroem seus ninhos, os humores do corpo etc. Quando iniciou em 1996, o evento contava com apenas seis Profetas, sendo que em 2024 este número chegou a quase trinta.

É possível observar na formalização deste encontro um claro embate entre as perspectivas científicas e da cultura popular. O meteorologista tende a desvalorizar o Profeta da Chuva, considerando-o de menor importância por suas previsões não possuírem cunho científico. O Profeta da Chuva, por sua vez, olha com desconfiança para o meteorologista, pois considera que, algumas vezes, suas previsões contrariam os sinais da natureza.

¹ A Funceme deixou de fazer parte do encontro a partir de 2007.

Essa querela relembra uma situação similar relatada por Jung quando visitou a África e percebeu que a chegada do colonizador europeu havia provocado um confronto entre a cultura europeia e a africana. A passagem é contada em *Memórias, Sonhos, Reflexões*:

Conversamos certa vez com o *laibon*, o velho chefe *medicine-man*. Ele apareceu vestido com um manto maravilhoso de pele de macaco azul: era um suntuoso traje de cerimônia. Quando o interroguei acerca de seus sonhos, explicou-me com lágrimas nos olhos: “Outrora, os *laibons* tinham sonhos e sabiam quando haveria guerra ou doenças, se a chuva viria e para onde os rebanhos deviam ser levados.” Seu avô ainda sonhava. Mas desde que os brancos haviam chegado à África, ninguém mais sonhava. Não havia mais necessidade de sonhos, pois agora os ingleses sabiam tudo (JUNG, 2016, p. 175).

É um confronto entre a palavra da ciência e a palavra da tradição, do homem do campo que constrói o seu olhar a partir da lida diária com a natureza. Outra interessante característica é visível nesse embate: enquanto os produtores de maior porte dão sempre preferência ao que dizem os técnicos representantes da Funceme, o pequeno produtor, que representa a maioria dos que vão ao evento, acredita mais nos vaticínios dos Profetas da Chuva, olhando sempre com desconfiança para as previsões dos cientistas. A palavra do Profeta possui relevância nas suas comunidades, a despeito da existência dos métodos científicos de previsão do tempo, mostrando, como afirmado acima, que suas palavras ultrapassam a mera transmissão do conhecimento.

O que se vê aqui não é somente o conflito entre dois discursos, e sim o fato de que, na formalização e utilização de um método científico, reencena-se a separação entre o sujeito e o objeto a ser conhecido. Na busca pela fidedignidade das previsões, dando a elas um caráter mais verossímil, a ciência busca fazer uma leitura objetiva da natureza, enquanto o Profeta lê essa mesma natureza a partir da sua intimidade com o mundo. Sendo em boa parte formado por agricultores, os Profetas da Chuva constroem seu conhecimento não somente a partir da tradição que lhes foi passada, como também através da lida diária com o trabalho na terra, com os bichos, com a observação dos fenômenos, que passam a denominar de “experiências de inverno”.

Volto a lembrar que a palavra do Profeta não é uma prática divinatória que elimina a imprevisibilidade do futuro, pois este, na visão do sertanejo, homem profundamente religioso, só a Deus pertence. A profecia não é uma certeza, e sim uma possibilidade. Sua fala, portanto, se situa a meio caminho entre a religião e a ciência, entre a crença popular e o conhecimento científico, expressando a ancestralidade de tantos olhares vividos e espalhados sobre a terra do sertão, carregando consigo a esperança da confirmação nos sinais. Assim, as previsões não são o resultado de um método

científico, calculado a partir de dados recolhidos de forma objetiva, tampouco são uma revelação divina feita aos olhos do Profeta, como se este fosse um escolhido por Deus para ganhar a missão de dirigir e encaminhar seu povo para as benesses. Ao invés disso, a palavra é um enunciado que organiza o presente em torno das possibilidades comuns a todos aqueles que a escutam e que fazem parte daquele mesmo horizonte no qual vive o sertanejo. Aqui, a profecia é a palavra que organiza e une aqueles que ouvem, pois estes também desejam acreditar nas palavras do Profeta, de forma que ela produz coesão social - a experiência se torna então útil, como forma de construir uma identidade no grupo social do qual faz parte o Profeta e tantos outros agricultores (BRUNO; MARTINS, 2008).

A profecia é, então, a força que mantém uma identidade social funcionando entre o profeta e o pequeno agricultor, permitindo uma aproximação com o futuro, diminuindo a angústia da sua incerteza e permitindo que ele se presentifique para que possa ser construída uma ação sobre ele. Portanto, a profecia combate na intimidade a impotência do sertanejo frente à força da natureza e do mundo.

3. *Anima Mundi*

Para o Profeta da Chuva, a natureza é um livro aberto esperando para ser lido. Não há segredos a serem decifrados ou rituais a serem realizados, há tão somente sinais que apenas um ouvido atento e um olhar treinado podem reconhecer, pois essa palavra ouvida nasce atrelada a outro sentido: nasce do olhar. O olhar do Profeta se diferencia do olhar contemporâneo que busca sempre ver tudo o tempo todo; não se trata aqui de ver mais que os outros, de ver tudo. Trata-se de uma visibilidade íntima, principalmente da forma como o homem em si reage ao mundo. Ao contrário da abordagem científica, que olha para o mundo como um campo pretensamente objetivo que se deve perscrutar e conhecer, o olhar do Profeta necessita da subjetividade do mundo, da percepção de como esse mundo o afeta, de se deixar ser preenchido pelo mundo para daí conseguir perceber no presente o futuro próximo que esse mundo carrega.

Por isso, não é somente a natureza lá fora que atrai o olhar do Profeta. As “experiências de inverno” também se dão pela leitura de como o seu próprio corpo responde ao mundo. Dores de cabeça, dores nos ossos, nevralgias, alterações no sono e, evidentemente, sonhos são todos sinais que devem ser considerados, na expectativa de perceber o que o tempo vindouro reserva. O Profeta lê tanto a natureza quanto a forma como a natureza afeta o seu corpo, ele lê o mundo lá fora, mas lê também o mundo dentro de si mesmo - o voo das abelhas, o trajeto construído pelas formigas no solo, a forma como certos pássaros constroem seus ninhos, o brilho da lua

cheia; tudo isso em conjunto com as pequenas dores do corpo, as nevralgias, os suores à noite, enfim, com esse corpo que reage aos ritmos do mundo (SILVA et al., 2014).

Dessa forma, o corpo do homem não se divide mais do campo da natureza, ele interpenetra esse mundo para construir suas visões e fundamentar suas palavras. A natureza não é o mundo lá fora, do qual o sujeito se ausenta para olhar de longe, mas sim um outro com o qual se dialoga, com o qual se vive em comunhão (VIEIRA, 2006). O mundo é primeiro sentido, percebido, e só depois significado. O Profeta é aquele que une novamente a imaginação ao sentimento, burlando a noção de separação entre o Eu e o Mundo, resgatando a capacidade do mundo de nos provocar imaginativamente, corporificando a imaginação e unindo-a novamente à matéria, seja da terra em sua volta, seja de seu próprio corpo.

Como Hillman (1993) nos diz, para sentir devemos imaginar, e para imaginar devemos nos deixar ser penetrados pelo mundo. Estar aberto ao mundo, olhar o mundo, como faz o Profeta, implica em se deixar afetar por ele, permitir que provoque a nossa imaginação, que se torna então repleta de esperança, medo ou outros sentimentos, nos levando a observar com cada vez mais cuidado o mundo que está a nossa frente. O mundo tem algo a nos comunicar nas suas imagens - a natureza é para o Profeta um ser que existe na medida que é percebido, mas que também concede existência ao indivíduo, na medida em que ele percebe a si mesmo a partir da natureza. Ser é ser percebido (HILLMAN, 1997). Por isso, é possível afirmar que o Profeta possui uma reação estética ao mundo, pois sempre que nos deixamos afetar pela presença de um fenômeno, podemos dizer que estamos frente à ideia de *aestesis*, ou seja, somos afetados de uma forma estética:

A palavra em grego para percepção ou sensação era *aisthesis*, que significa na origem inspirar ou conduzir o mundo para dentro, a respiração entrecortada (...) diante da surpresa, do susto, do espanto, uma reação estética à imagem (*eidolon*) apresentada (HILLMAN, 1993, p. 17).

O mundo que se revela ao Profeta em seus sinais é estético, é um mundo afrodisíaco, visto que um dos epítetos de Afrodite era justamente “aquela que revela segredos” (SCHENK, 1992). Afrodite é a representação da forma como conhecemos o mundo, a nudez das coisas como elas se revelam para uma imaginação afetada esteticamente.

O mundo do sertão, portanto, comunica algo ao Profeta, o afeta. O mundo se torna *páthos*; não sofrimento em si, mas afetação. Os próprios adjetivos usados pelos escritores, músicos e agricultores demonstram esse *páthos* da terra: às vezes é fornalha que arde, outras é forma de judiação, enlouquecimento do sertanejo, mas

também é fartura, riqueza, felicidade, redenção. Nessas diversas imagens, resgata-se a noção hillmaniana de *Anima Mundi*, o mundo reconhecido como aquilo que nos provoca em nossa imaginação.

Imaginemos a *Anima Mundi* nem acima do mundo que a circunda, como uma emanção divina e remota do espírito, o mundo de poderes, arquétipos e princípios transcendentais às coisas, um pouco dentro do mundo material como seu princípio de vida unificador pampsíquico. Em vez disso, imaginemos a *Anima Mundi* como aquele lampejo de alma especial, aquela imagem seminal que se apresenta, em sua forma visível, por meio de cada coisa. Então, a *Anima Mundi* aponta as possibilidades animadas oferecidas em cada evento como ele é, sua apresentação sensorial como um rosto revelando sua imagem interior - em resumo, sua disponibilidade para a imaginação, sua presença como uma realidade psíquica (HILLMAN, 1993, p. 14).

Aquilo que é enunciado a partir dessa reação estética é a própria existência de si e do mundo: ser é ser percebido. A força da palavra está na evocação do que ela representa, em outras palavras, o sujeito anuncia a natureza em si, o mundo em si, e a percepção da presença do mundo evoca os afetos que serão enunciados em sua palavra.

O Profeta busca, de certa forma, falar daquilo que, por fim, não pertence à esfera do homem, mas que muito o ultrapassa, adentrando no campo do transcendente. Busca, com suas palavras, aplacar a angústia fundada nos medos construídos ao longo de tantos anos passados, em um mundo onde um prognóstico ruim pode afetar de tão severamente a vida das pessoas. A leitura dos sinais e a profecia de um bom inverno contribui não somente para a coesão social, como também para a sustentação da esperança e para a manutenção de uma tradição que não é estática, mas, a despeito da entrada do conhecimento científico, se enriquece com o passar dos anos, pois se modifica pelas novas “experiências de inverno”, em um mundo que permanece estético, trazido para dentro, no qual provoca enquanto se revela esteticamente. Assim, um mundo belo se revela de forma afrodisíaca aos nossos olhos, ganhando existência à medida que nos dá existência, ora em forma de redenção, chuva e fartura, ora em meio à possibilidade sempre presente da seca, da morte, do “azul que deslumbra, mas endoidece a gente”.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO, A. Trajetos. **Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 139-150, 2005.
- BRUNO, F.; MARTINS, K. P. H. Profetas da natureza: ver e dizer no sertão. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 1-12, 2008.

- CÂMARA, Y. R. Profetas da chuva quixadaenses: ancestralidade, cultura popular, oralidade, memória, resistência. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.
- DANTAS, E. W. C. Imaginário social nordestino e políticas de desenvolvimento do turismo no nordeste brasileiro. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 22, p. 9-30, 2007. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74063>.
- HILLMAN, J. **Cidade e alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- HILLMAN, J. **O código do ser**. São Paulo: Objetiva, 1997.
- JUNG, C. **Memórias, sonhos, reflexões**. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.
- PENNESI, K.; BRAGA, C. R. O encontro anual dos profetas da chuva em Quixadá: a circulação de discursos e a invenção de uma tradição. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 159-186, 2012. DOI: <http://doi.org/10.1590/S0104-71832012000200007>.
- QUEIROZ, R. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- SCHENK, R. **The soul of beauty: towards a psychology of appearance**. Lewisburg: Bucknell University Press, 1992.
- SILVA, N. M.; ANDRADE, A. J. P.; ROZENDO, C. 'Profetas da chuva' do Seridó potiguar, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 9, n. 3, p. 773-795, 2014. DOI: <http://doi.org/10.1590/1981-81222014000300014>.
- TAMANINI, P. A.; SILVA, E. D. R. O Nordeste, as imagens e o ensino: o real e o imaginário na iconografia da seca. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 317-337, 2019. DOI: <http://doi.org/10.5965/1984723820432019317>.
- VIEIRA, D. S. L. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do Olhar. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2006.

Farley Valentim possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1996); mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2011). Docente do Centro Universitário Christus (UniChristus) no período de 2011 a 2022. Psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), em Maranguape-CE. Membro do IMPAR - Instituto Mantiqueira de Psicologia Arquetípica.

farleyvalentim@gmail.com